



Genoma Humano: A Metafísica Pós-Moderna?

*“Qualquer código genético, seja qual for a sua complexidade, poderia ser re-escrito sob uma forma estandardizada, estruturalmente estável, inacessível às perturbações e às mutações. Qualquer célula poderia, pois, ser dotada de uma capacidade infinita de replicações sucessivas. Qualquer espécie animal, seja qual for o seu grau de evolução, poderia ser transformada numa espécie aparentada, reproduzível por clonagem, e imortal” Houellebecq, M. (1998). *Les Particules Élémentaires*. Paris : Flammarion, p. 384. Nossa tradução.*

Eis o que Michel Houellebecq nos anuncia no seu romance *Les Particules Élémentaires*, dando conta do advento de uma “mutação metafísica” ao compreender as delicadas relações entre o homem e as suas produções mais complexas, predizendo, pelo iminente cruzamento entre a física quântica e a genética, a abolição do Homem. *“A humanidade devia desaparecer; a humanidade devia dar origem a uma nova espécie, assexuada e imortal, tendo ultrapassado a individualidade, a separação e o devir” Ibidem, p. 385..*

Este autor vanguardista e expoente de um novo movimento utópico na literatura, apresenta-nos, no seu romance, uma nova visão do mundo, posicionando-se como um profeta saído do deserto com a pretensão de preencher o vazio da desilusão face ao Homem. *“Esta espécie dolorosa e vil, pouco diferente do macaco, mesmo assim portadora de tantas aspirações nobres. Esta espécie torturada, contraditória, individualista e querelante, de um egoísmo ilimitado, por vezes capaz de explosões surpreendentes de violência, mas que nunca deixou de acreditar na bondade e no amor” Ibidem, p. 394..*

Este novo mundo anunciado pela ficção estará muito distante da sua realização? O espectáculo em torno da publicação de uma grande parte da sequência do genoma humano não será já um anúncio profetizado por Michel Houellebecq?

Reparemos nas metáforas que têm sido utilizadas para significar o projecto do genoma humano: O Livro da Vida, a Pedra Roseta, o Livro do Homem, o Código dos Códigos ou a Tabela Periódica! Não parece haver dúvidas que o ponto a que chegamos neste projecto é visto como o passo *prometaico* decisivo para o auto-conhecimento. “A partir de agora temos o caminho aberto para o conhecimento total da nossa identidade pessoal e de espécie”, parece ser o leitmotiv que guiará os próximos anos da investigação genética. Ou seja, está criada uma nova metafísica, a que Alex Mauron chamou “*metafísica genómica*” Mauron, A. (2001). *Is the genome the secular equivalent of the soul ?*. *Science*, 291 : 831-832, segundo a qual o genoma é visto como a verdadeira essência da nossa natureza. A tónica colocada na importância do novo genoma diplóide do zigoto para a determinação da identidade pessoal, é reveladora das ilusões que, por vezes, o desejo de saber acarreta para a explicação ávida da nossa existência. De facto, mesmo sem entrarmos nas implicações gerais do conceito de identidade e nos restringirmos apenas ao domínio biológico, verificamos que o grande salto que este evento da ciência proporcionou não foi mais do que a confirmação de que na natureza existem sistemas complexos que transportam consigo uma descrição da sua própria constituição. A compreensão dessa descrição — problema central da biologia — está mais próxima com a descoberta da sequência do genoma humano. Mas não podemos



confundir, como tem vindo a ser feito, o significado biológico de uma determinada sequência genética com a informação que essa sequência apresenta.

Do mesmo modo, não podemos forçar uma assimilação de todo o comportamento humano às suas determinações genéticas, assimilação produzida numa grande parte das publicações sobre esta matéria, mas que não passa de uma especulação ficcional que tende a transformar o campo da genética do comportamento num campo perigosamente redutor. As consequências estão já à vista: começam a ecoar os sons de uma velha ideologia eugénica e a renascer as velhas guerras anti-genética.

O equívoco que parece existir resulta da pouca consideração que tem sido dada a uma noção essencial na compreensão desta questão: a noção de identidade pessoal. Esta noção exige a correlação de vários componentes de diferentes níveis de organização do homem, podendo ser concebida como um conjunto que atravessa e une múltiplas identidades e diferentes níveis. Ora o problema relativamente à identidade genética decorre do facto de a personalidade individual não se sobrepor, necessariamente, à identidade genómica, como o exemplo dos gémeos univitelinos nos esclarece. Mesmo que partilhem muitos traços físicos e psicológicos, eles têm, necessariamente, biografias diferentes. Pode-se, mesmo assim, questionar qual a importância destas questões para o problema em discussão e, mesmo, como é que a descrição do genoma humano pode ser útil para as ciências do comportamento?

Uma das respostas chega-nos de McGuffin e dos seus colaboradores, quando nos alertam que uma das maiores contribuições que esta descoberta pode vir a ter para a explicação do comportamento humano será a sequência de múltiplos genomas humanos e a identificação dos muitos milhões de pares de bases de ADN que diferem entre as pessoas McGuffin, P., Riley, B. e Plomin, R. (2001). *Toward behavioral genomics. Science*, 291 : 1232-1233. As variações de ADN são responsáveis pelas influências genéticas ubíquas nas diferentes dimensões do comportamento e nas diferentes perturbações comportamentais. Até ao presente, os dados mais sólidos da genética para as ciências do comportamento advieram das investigações da genética quantitativa através dos estudos gêmeos e de adopção. De acordo com os dados destes estudos é, hoje, consensual que a variação genética tem um efeito substancial na variação fenotípica para todos os domínios do comportamento humano, desde que interferidos por influências contextuais específicas. Parece que o efeito ambiental mais solidamente demonstrado depende do ambiente não partilhado, o qual interfere mais no estabelecimento das diferenças entre as pessoas do que nas suas semelhanças.

Estes dados sustentam a noção segundo a qual, por detrás da identidade da pessoa, estão um conjunto de níveis da experiência que ao mesmo tempo correspondem à pluralidade de relações que definem a presença do homem na sociedade e no universo. A estas diferentes relações correspondem diferentes instâncias indispensáveis à definição do indivíduo. Isto implica que, hoje mais do que nunca, é absolutamente necessário estimularmos as achegas de domínios mais tradicionais do auto-conhecimento para, em conjunto com este domínio em expansão, nos aproximarmos daquilo que será a verdadeira natureza do Homem. Por isso, a perspectiva segundo a qual o genoma contém a essência da natureza humana não é mais do que uma “pura” ficção, pelo menos no quadro dos modelos explicativos do comportamento humano que actualmente dispomos. Ser Homem significa muito mais do que possuir um genoma humano. Significa poder construir uma narrativa pessoal única. Ora, se algo tem caracterizado a natureza humana tem sido, precisamente, o questionamento relativamente à sua relação com o mundo e consigo próprio, questionamento que, pelas



profundas mutações quer no conhecimento científico quer na organização societária, não pode ser renunciado seja porque razão for.

O actual momento da humanidade exige que se pense o nosso próprio destino face às mutações do mundo e que nos interroguemos sobre a necessária evolução do nosso modo-de-estar-no-mundo, sobretudo porque reside em cada um de nós a responsabilidade de preservar essa fundamental característica da natureza humana — a liberdade. Foi a favor disso, porventura, que Michel Houellebecq terá escrito o seu livro.

João Marques-Teixeira

